

RAÍZES DO FUTEBOL FEMININO: UMA INICIATIVA POSITIVA EM MEIO AO NOTICIÁRIO SOBRE AS MULHERES ESPORTISTAS

BATAGIN, Amanda Cristina¹

PEREIRA, Tátilla²

RESUMO

Este trabalho aborda a representatividade feminina nos veículos de comunicação, tendo como foco o esporte. Com base nas análises de Bourdieu (1999), a pesquisa esmiúça a série de reportagens “Raízes do Futebol Feminino”, realizada pelo programa Esporte Espetacular antes da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019. O produto jornalístico foi escolhido por representar uma exceção em meio às coberturas dos esportes que envolvem mulheres. Com esse entendimento, a pesquisa analisa trechos das reportagens para demonstrar qual o diferencial da abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Mulheres, Televisão, Esporte Espetacular.

1 INTRODUÇÃO

A luta feminina para ter acesso ao esporte já dura vários séculos. Mas, de acordo com os estudos feministas, essa luta e privação já vêm desde a Grécia Antiga, em que era lei as mulheres serem proibidas de assistir qualquer tipo de esporte, correndo o risco de serem condenadas à pena de morte.

Com o passar dos anos, algumas mulheres foram forçando a entrada no meio esportivo e, apesar de todas as dificuldades, aos poucos foram ganhando espaço.

Hoje, apesar de os números serem muito maiores do que em qualquer outra época, a mídia tradicional ainda destina pouco espaço a cargos importantes e de grande relevância nas emissoras. E, nos poucos espaços que elas ocupam, ainda são bastante estereotipadas (objetificando-as e colocando em padrões pré-estabelecidos) e constantemente colocadas em comparação com o masculino, principalmente quando se trata de esportes. O mesmo ocorre em relação à cobertura jornalística das mulheres esportistas. Quando este espaço feminino é

¹ Acadêmica do 8º período de jornalismo do Centro Universitário FAG. E-mail: bataginamanda@gmail.com

² Professora Orientadora. E-mail: tatila@fag.edu.br

privado, inconscientemente a desvalorização das mulheres aumenta e a credibilidade das profissionais e atletas é deixada de lado.

Neste trabalho, a abordagem se refere à mulher no esporte, às barreiras pelas quais elas passaram e que já superaram para conseguir ter o direito de praticar, aos estereótipos que são diariamente impostos com relação ao corpo feminino, sem levar em consideração o talento e a dedicação que cada uma tem.

Foi utilizado como objeto de estudo é a série “Raízes do futebol feminino”, do programa Esporte Espetacular da Rede Globo.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo é uma área considerada nova na história jornalística, e, até pouco tempo atrás, não era muito valorizado pelos próprios profissionais ou pelo público. Como citado por Pires (2005, p. 01), “não usufruía de prestígio nenhum e só pessoas que possuíam baixa renda liam notícias sobre esportes”.

Há controvérsias quando o assunto é o surgimento do jornalismo esportivo, pois, segundo Fonseca (1997 *apud* GONÇALVES; CAMARGO, 2005, p. 06), “Os primeiros registros que se tem é do Le Sport (1854), que publicava crônicas sobre haras, surfe e caça, além de sessões de canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outros esportes”. Pires (2015) diz que “o jornal que foi o pioneiro a incluir o tema esporte era denominado como ‘Bell’s life’, foi fundado em 1822 e depois mudou o nome para ‘Sporting life’”.

No entanto, essas diferenças de datas são explicadas a partir do momento em que se questiona exatamente o que é o jornalismo esportivo, pois, segundo o EducaMais Brasil:

O Jornalismo Esportivo é o segmento do jornalismo que se dedica à cobertura de fatos e notícias relacionados ao esporte. As pautas dos profissionais que atuam na área incluem a cobertura de eventos [...], e também das políticas públicas de incentivo para a área e da rotina do setor. No Brasil, vemos os jornalistas esportivos atuarem majoritariamente na cobertura de eventos, fatos e notícias relacionados ao futebol.

De acordo com essa definição, Fonseca (1997) afirma que, antes de 1939, eram produzidas apenas crônicas esportivas e não algo organizado, fundamentado como uma organização de eventos e, por conta disso, em alguns casos, não é considerado jornalismo esportivo.

O primeiro esporte a ter uma cobertura completa feita pelos veículos impressos foi o hipismo, no século XIX, na França.

A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares (FONSECA, 1997 *apud* GONÇALVES; CAMARGO, 2005, p. 06).

No Brasil, a história se repete: há controvérsias sobre quando e onde começou o jornalismo esportivo. Para Bahia (1990 *apud* SILVEIRA, 2009, p. 22), “ele teria iniciado em 1856 com O Atleta, que trazia ensinamentos para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro”. Já Coelho (2004 *apud* SILVEIRA, 2009, p. 22), “defende que o esporte ganhou espaço pela primeira vez nos jornais em 1910. Eram relatos de páginas inteiras dos jogos de times de futebol amador italiano no jornal Fanfulla”.

O jornalismo esportivo só se popularizou no Brasil com a criação dos times de futebol. “Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria o Palmeiras décadas mais tarde” (COELHO, 2004, p. 8).

O Rio de Janeiro foi a região que impulsionou o Brasil, e cada vez mais os seus jornais abriam espaço para os esportes. Um exemplo disso é o Jornal dos Sports, citado por Coelho (2004), que nasceu nos anos 1930, e foi o primeiro diário que falava exclusivamente sobre o esporte no país.

A partir daí, cada vez foram nascendo mais diários sobre esportes, mas nem todos conseguiram se manter na nova área do jornalismo. “Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a Revista do Esporte viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60” (COELHO, 2004, p. 9).

Neiva (1907) conta como foi o início do jornalismo esportivo no Brasil:

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensatoriamente remuneradas. A maioria dos “cronistas” trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o “cronista” tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos “cronistas” e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples “bico”, tanto podia ser “cronista” de esportes no domingo, como redator

policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo [...]. Não havia especialização (NEIVA, 1907-1990 *apud* STYCER, 2007, p. 04).

Um aspecto dessa adequação do jornalismo para trazer os esportes para as colunas foi a ligação entre a notícia e as classes dominantes da sociedade da época. Maluly relata que:

os periódicos esportivos brasileiros preferiam abordar assuntos relativos às modalidades esportivas que estavam mais ligadas às camadas superiores da sociedade brasileira e destacavam o público, deixando a partida em segundo plano. A partir da cobertura desses eventos percebeu-se que o esporte poderia ser um grande aliado do jornalismo, já que reunia, ao mesmo tempo, personalidades e notícia (MALULY, 2004 *apud* GONÇALVES; CAMARGO, 2005, p. 08).

Com o passar dos anos, a expansão do futebol levou junto o crescimento do jornalismo esportivo e, com isso, as matérias produzidas saíram do papel e começaram a ser passadas no rádio e na televisão.

A Copa do Mundo de 1938, na França, teve a primeira partida transmitida pelo rádio em Copas do Mundo, com o jogo Brasil 6 x Polônia 5. Na Copa de 1958, na Suécia, com a invenção do videoteipe, era possível assistir aos jogos no cinema, cerca de três dias após a partida. Na Copa do Chile, 1962, já era possível assistir ao videoteipe um dia após a partida e os jornais começaram a sofrer com a forte concorrência da televisão. [...] A primeira reportagem filmada para a televisão ocorre em 1950, no jogo entre Portuguesa de Desportos e São Paulo, considerada o marco das transmissões esportivas na televisão brasileira (GONÇALVES; CAMARGO, 2005, p. 08).

Quando o jornalismo esportivo foi para a televisão, quem fazia as narrações e matérias eram os locutores que já trabalhavam com isso nas rádios, e, por conta disso, levavam o mesmo perfil que era feito no rádio (a narração de todos os fatos detalhadamente), como citam Gonçalves e Camargo (2005).

Os esportes e o jornalismo esportivo eram utilizados pelas classes dominantes como um meio de alienar e abafar crises e escândalos das épocas, de forma que focavam nas medalhas e conquistas dos atletas brasileiros.

Exemplos clássicos são as Olimpíadas, e a Copa do Mundo, em que o governo brasileiro utiliza as imagens das conquistas de medalhas, principalmente as mais difíceis, para amenizar as crises econômicas e políticas no país. E o esporte é mais que um disfarce para essas crises é uma catarse para alimentar a sociedade, ou como alguns autores chamavam o “ópio da sociedade” (GONÇALVES; CAMARGO, 2005, p. 09).

Com o passar dos tempos e a popularização dos esportes no Brasil e no mundo, o jornalismo esportivo obteve um crescimento e passou a ter especializações para aumentar a credibilidade dos profissionais.

Mas para entender como o jornalismo apresenta as mulheres dentro do esporte é preciso entender a história delas para compreender como foi para que elas pudessem entrar nesse ramo.

3 MULHERES NO ESPORTE

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e divulgada pelo Globo Esporte (2019), a desigualdade no esporte entre homens e mulheres ainda é muito alta. Segundo essa pesquisa, “a prática de exercícios físicos por mulheres no país é 40% inferior aos homens [...] um indicativo de que o cenário esportivo ainda tem muita desigualdade de gênero”.

Mas esse número, se comparado aos números de alguns anos atrás, já é uma grande evolução. Segundo Cidade (2004, p. 43), “para observar o processo feminino de envolvimento nos esportes, é preciso ter em mente que cada época é válida em si mesma”.

O esporte vem das eras primitivas, só que era tratado de forma diferente. Mesmo sem a nomenclatura que é representado hoje, sempre teve uma participação ativa das comunidades.

Não podendo imaginar a origem do esporte sem a participação feminina, já que nos tempos primitivos o esporte ao confundir-se com os rituais religiosos e de caça já envolvia a participação da mulher ao ajudar a combater uma presa para o abate (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 118).

Essas atividades que as mulheres desempenhavam garantiam a sua participação nas caças, mas também tinham diversas proibições e recolhimentos. Esse fato perdurou até a Grécia Antiga.

Na época da Grécia Antiga, de acordo com Oliveira, Cherem e Tubino (2008), as mulheres eram proibidas não somente de praticar esportes, como também de assistir às competições. As leis eram tão rígidas que, no regulamento dos jogos, o

artigo 5º dizia que as mulheres casadas não poderiam assistir aos jogos, podendo ser julgadas com pena de morte.

Este fato ocorria em função da cidadania para os gregos estar ligada a função de guerrear, atividade vedada às mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas somente o papel de ser mãe de cidadãos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 2).

Eles acreditavam que, se as mulheres praticassem algum tipo de esporte, elas ficariam masculinizadas e que elas não teriam condições físicas para a prática de esportes.

Com o domínio romano do imperador Teodósio, proibiram-se os esportes para todos. “Nesta fase as mulheres participavam como dançarinas ou acrobatas para divertimento de convidados, não tendo nenhum aspecto de caráter esportivo” (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 118).

Essa situação permaneceu em vigor por muito tempo, tanto que, até o final do século XIX, a presença feminina nos esportes era muito pequena. Como contam Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 118-119), “somente no século XVIII e início do XIX a mulher começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas a assistir alguns eventos como, boxe, remo e corridas de cavalo”.

As Olimpíadas Modernas começaram em 1896 e eram totalmente contra a participação feminina, pois os “idealizadores eram defensores da não inclusão da mulher por achar que estas poderiam vulgarizar um ambiente cheio de honras e conquistas” (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, P.119). Por conta disso, não houve participação oficial de mulheres, mas houve participações não oficiais da atleta Melpômene, Stamata Revithi.

Apesar de sua não aceitação nos primeiros jogos, Stamati Revithi (mulher grega de origem pobre), posteriormente chamada de Melpomene, fez o percurso da maratona de maneira extraoficial, no dia seguinte, percorrendo a última volta por fora do estádio, já que a entrada não lhe foi permitida (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 119).

Mas algumas mulheres, em especial, foram responsáveis por derrubar as portas do preconceito para que o sexo feminino pudesse praticar e competir. Uma delas foi a francesa Alice Melliat, que, junto com mais 10 mulheres, lutaram para competir nas Olimpíadas de 1900 em Paris. O Comitê Olímpico Internacional (COI),

de acordo com Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 119), “permitiu que alguns temas fossem destinados às mulheres, culminando com a inclusão do golfe e tênis femininos, onde não havia contato físico e eram considerados esteticamente belos”.

Em 1932, o destaque foi para a brasileira Maria Lenk, que, com 17 anos, foi a primeira sul-americana a participar da competição; não recebeu medalha, mas teve um papel fundamental, pois encorajou outras mulheres a participar. Até hoje, é considerada a principal nadadora brasileira e a única nadadora do país a entrar no Hall da Fama. “Maria Lenk ainda entrou para história com mais um feito, ao nadar pela primeira vez o estilo borboleta, inovando e aperfeiçoando a técnica do nado de peito” (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 123).

Algumas delas marcaram sua geração e continuam influenciando as mulheres hoje em dia. Alguns exemplos são: Stamati Revithi, que nos jogos de 1896 (primeiros jogos Olímpicos Modernos), apesar de a participação feminina ainda ser proibida, isso não a impediu; a tenista britânica Charlotte Cooper, que entrou para a história como a primeira mulher a ganhar ouro em uma olimpíada, no ano de 1900. Outra brasileira que ficou eternizada na história foi Aída dos Santos, a primeira atleta brasileira a chegar em uma final olímpica, em 1964.

Apesar dessas conquistas que as mulheres atingiram, a participação feminina em todas as modalidades olímpicas só foi possível no ano de 2012.

As principais atletas brasileiras, além das já citadas, foram: Jacqueline e Sandra, que ficaram com ouro nas Olimpíadas de 1996, e foram as primeiras brasileiras a conquistar o ponto mais alto do pódio; Hortência, que é considerada a maior jogadora de basquete do Brasil de todos os tempos; Daiane dos Santos, que foi a primeira ginasta brasileira, entre homens e mulheres, a ganhar uma medalha de ouro em um Campeonato Mundial; Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, possui duas medalhas olímpicas de prata e foi a artilheira da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2007; e Rafaela Silva, que, na última edição das Olimpíadas, em 2016, disputada no Rio de Janeiro, ganhou a medalha de ouro no judô.

De acordo com todos os pontos citados, Jaeger (2006, p. 200) afirma que:

essas discussões apontam para o esporte como: um espaço de opressão feminina; questionamento da superioridade masculina; território que pode transformar as relações de gênero; e um espaço de lutas e contestações. Porém, há uma carência de estudos que apresentem reflexões teóricas profundas, buscando compreender a construção histórica das íntimas relações estabelecidas entre o esporte e a sociedade, envolvendo não só

questões de gênero, mas também de raça, idade, identidade sexual e classe social.

De acordo com a Secad (2108), no texto da Redação Secad intitulada “Participação de mulheres no esporte cresce, mas ainda é inferior à dos homens”, nas últimas olimpíadas, realizadas em 2016 no Rio de Janeiro, foi registrada a maior porcentagem de participação feminina de todos os tempos, com 45%.

4 ESPORTE ESPETACULAR

De acordo com Calegari (2012), o Esporte Espetacular é um dos programas mais antigos que ainda permanece na programação da Rede Globo. O Esporte Espetacular foi criado em 1973, com o objetivo de ser um programa com espaço para o esporte amador na televisão. Ele acompanhava as principais modalidades esportivas, histórias de atletas e recordes que eram conquistados em diferentes competições fora do Brasil, diferente da maneira como era tratado anteriormente, em que só o futebol era retratado nos noticiários.

Propunha-se a falar sobre a maior variedade possível de esportes, ainda que com o tempo o maior destaque tenha se tornado o futebol, pela popularidade no Brasil. Já no final da década de 70, o programa adquiriu ares de crônica esportiva semanal, buscando uma abordagem diferenciada dos assuntos já tratados durante a semana (CALEGARI, 2012, p. 35).

No começo, eram apresentados eventos esportivos na íntegra ou de forma parcial, que eram comprados do programa Wide World of Sports, da rede ABC. Por conta disso, eram exibidos esportes que não são tão populares no Brasil, como: patinação no gelo, esqui e polo. E, além disso, campeonatos que não tinham participação de atletas brasileiros.

A primeira equipe do Esporte Espetacular reuniu profissionais como Léo Batista, Waldir Mendes, José Luiz Furtado, Luciano do Valle, Ciro José, Juarez Soares, Tércio de Lima, Teti Alfonso, Miriam Delamare e Milton Collen. A coordenação do programa era de Fernando Villela e a direção, de Moacyr Masson. Nessa época, a direção da divisão de Esportes da TV Globo ficava a cargo de Rui Viotti (TERCEIRO TEMPO).

No começo, o programa apresentava uma postura formal, com os apresentadores de terno e gravata, baseado nos telejornais apresentados na mesma época.

Nos primeiros anos, a equipe do Esporte Espetacular enfrentava uma luta diária

para conseguir gravar os programas em meio à programação apertada, com pouco espaço para o esporte. O programa nunca era apresentado em um horário fixo; enquadrava-se quando havia uma brecha na programação normal e com maior audiência, além disso, para que a equipe conseguisse gravar, precisava esperar as pausas que aconteciam nas gravações dos outros programas para utilizar os estúdios e muitas vezes isso só era possível na madrugada.

Ciro José, que fez parte da primeira equipe, lembra das dificuldades para gravar o *Esporte Espetacular* devido ao pouco espaço dedicado ao esporte na programação da Globo. Havia sempre mudanças no horário de exibição e, além disso, a equipe tinha que ficar esperando uma pausa nas gravações dos demais programas da emissora para conseguir vaga nos estúdios, que muitas vezes só estavam disponíveis de madrugada (MEMORIAL DA GLOBO).

A partir de 1976, começam a ocorrer mudanças no programa. A primeira e uma das mais importantes foi quando José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que era chefe da direção de programação e produção da Rede Globo, disse para a equipe do programa começar a produzir suas próprias matérias e, com isso, aos poucos começaram a substituir as imagens do Wide World of Sports, e competições como de remo, vôlei, basquete, ciclismo, atletismo, entre outras, passaram a ter espaço.

Nesse mesmo ano, o Esporte Espetacular foi exibido aos domingos à tarde e outras mudanças, além do horário, estavam sendo realizadas pela equipe, como: além das transmissões esportivas já rotineiras no programa começaram a produzir reportagens exclusivas, de diferentes temas. Reportagens sobre temas pouco abordados até o momento, como a participação feminina em diversos esportes, as corridas de Fórmula, entre outros, são exemplos dessa mudança.

Nos anos seguintes, diversas mudanças continuaram acontecendo, de alterações nos horários dos programas a adequações no formato, até chegar ao que se tem hoje.

No início dos anos 1980, como parte do processo de modificação do perfil do programa, a Rede Globo fez acordos com entidades reguladoras de várias modalidades esportivas. O objetivo era fazer com que as partidas fossem marcadas para as tardes de sábado, entre 15h e 17h, faixa de exibição do programa. A transmissão de eventos esportivos ao vivo passou a ser a essência do Esporte Espetacular, além das reportagens (COSTA, 2018).

No ano de 1989, Isabela Scalabrini substituiu o então apresentador, Sérgio Ewerton, tornando-se assim a primeira mulher a apresentar um programa de esportes na TV Globo. Nesses 45 anos de Esporte Espetacular, diversos apresentadores já

passaram pelas telinhas. Entre eles estão: Luís Ernesto Lacombe, Cris Dias, Lúcia Ávila, Mariana Becker, Léo Baptista, Isabela Scalabrini, Clayton Conservani, Tande, Glenda Kozlowsk, Fernanda Gentil, Felipe Andreoli, Lucas Gutierrez e Bárbara Coelho, que são os que estão no comando atualmente do programa, entre muitos outros.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

O programa Esporte Espetacular é apresentado todo domingo no período da manhã. As matérias escolhidas para a análise foram ao ar em um especial antes da Copa do Mundo Feminina, realizada na França em 2019.

As matérias fazem parte da série intitulada “Raízes do Futebol Feminino” e versam sobre os times: Vitória das Tabocas, que fica no interior de Pernambuco; São Francisco do Conde, localizado na Bahia; Iranduba Amazonas e Sociedade Esportiva Kindermann, que ficam em Santa Catarina.

A série é dividida em três episódios. O primeiro, intitulado “Raízes: futebol feminino brasileiro”, conta a história do time Kindermann e foi ao ar em 05 de maio de 2019. O segundo, “Raízes do futebol feminino: Iranduba”, foi exibido em 12 de maio de 2019. E o terceiro, “Raízes do Futebol Feminino: Vitória das Tabocas e São Francisco do Conde”, foi transmitido em 19 de maio de 2019.

No primeiro episódio da série, é apresentada a Sociedade Esportiva Kindermann, que recebe esse nome em homenagem à família que fundou o time. A matéria apresenta o time feminino e dá destaque para as jogadoras do clube, além de colocar em evidência as ex-jogadoras que agora estão em outros times e até na Seleção brasileira feminina de futebol para mostrar a importância do clube para o futebol nacional, mas sem deixar de lado as dificuldades em ser atleta profissional. Na sequência, a matéria destaca um lado obscuro do clube, que aconteceu em 2015, quando um ex-técnico matou o então atual. Após a tragédia, o time fechou as portas por um ano até que um novo presidente do time reabriu, com expectativas e sonhos bem mais altos. E, durante toda a reportagem, é citada, lembrada e reforçada a palavra “família”. Em 2019, o time fez uma parceria com o Avaí, um clube de destaque no futebol masculino em Santa Catarina.

Na cidade de Caçador, no interior de Santa Catarina, encontra-se um dos principais times brasileiros do futebol feminino, por ser referência no cenário nacional. Segundo o presidente e um dos fundadores do time, Salézio Kindermann (2019):

Aqui a gente propõe para elas, além de um salário, uma faculdade, uma moradia. Caçador não é um São Paulo, Rio de Janeiro que tem muito Shopping muita coisa né?! Só que elas vêm pra trabalhar, treinar e estudar eu tenho felicidade de dizer pra você que mais de 25 meninas já saíram com curso superior aqui de Caçador. Oportunidades de se formar em uma faculdade e também no futebol.

A abordagem da reportagem e a postura do clube coincidem com o posicionamento de Bourdieu (1999). Segundo o autor, existem alguns fatores que são primordiais para o futuro e independência femininas, que têm como base visar a independência das mulheres. Para Bordieu (1999, p. 107):

De todos os fatores de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução e, correlativamente, à independência econômica e à transformação das estruturas familiares.

Segundo Bourdieu (1999), a educação e o acesso à faculdade fazem total diferença para a mudança e evolução das mulheres perante a sociedade. O autor afirma que o acesso ao ensino secundário e superior faz parte das mudanças mais importantes e se torna um dos fatores primordiais para as mulheres e, com isso, transforma as estruturas produtivas.

Aos que objetariam que inúmeras mulheres romperam atualmente com as normas e formas tradicionais daquela contenção, apontando sua atual exibição controlada do corpo como um sinal de 'liberação', basta mostrar que este uso do próprio corpo continua, de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino (BOURDIEU, 1999, p. 41).

A reportagem que trata do Kindermann ainda apresenta a repercussão que o clube tem, dispensando os termos que muitas vezes abordam a visão de mulher como objeto.

O trecho mostra que a forma de abordagem ainda é algo a ser destacado por não representar uma realidade que aparece costumeiramente na mídia.

Um time de futebol capaz de levar às arquibancadas homens de todas as idades, mulheres, crianças, buzinas e rádios e que também é capaz de provocar alegria, aflição, impaciência tudo que pede uma partida de futebol feminina, sim que tem até aqueles torcedores que vem de longe só para ver o time (REPÓRTER, 2019).

Já no segundo episódio, o destaque é o time do Iranduba do Amazonas, fundado em 2011, e que treina e joga na capital, Manaus. Por ser o maior time entre os femininos e masculinos do Estado, elas jogam no estádio que foi construído para a Copa do Mundo, a Arena da Amazônia. Na reportagem, é contada a história da goleira e de algumas jogadoras, entre elas, é dado destaque para a ex-jogadora do Kindermann, que agora veste as cores do Iranduba. Ao contar sobre ela, a reportagem cita os títulos que ela já ganhou quando jogava pelo ex-clubes, mas o foco é a rede social (Instagram), em que ela possui 115 mil seguidores, e as fotos que ela posta.

O diferencial desse clube é a torcida, mas o aumento dos valores do ingresso tem feito com que o público presente nas arquibancadas diminua. Na matéria, são apresentados alguns dos torcedores mais presentes e fervorosos pelo time.

A reportagem transita entre os temas que cercam o clube: começa falando do time, segue para a arena, depois passa para as jogadoras, fala sobre o Instagram, em seguida, aborda a torcida e o preço de ingresso, depois trata de um romance entre dois torcedores, e aí volta para uma partida do Brasileirão, falando sobre a goleira do começo da matéria. Mas a base é o sonho, seja de jogar futebol ou de almejar uma vida melhor.

Algo que está presente durante a reportagem é o comparativo com o futebol masculino, mas dando ênfase e ressaltando o estrelismo do feminino.

O Iranduba teve mais público aqui numa rodada tradicional de um Campeonato Brasileiro do que numa final da Copa do Brasil em Santa Catarina. Aqui em Manaus eu digo que é uma torcida diferenciada, então isso é algo marcante para a gente como jogadora de futebol feminino, né? Principalmente quando se trata de futebol feminino Brasil e isso é algo incomum'. 'Quando fala de Iranduba a gente pensa logo nelas, a gente não pensa no masculino e geralmente é o masculino que leva o feminino, e o Iranduba não, elas aqui são o carro-chefe, vamos dizer assim (JOGADORA E TORCEDORA DO IRANDUBA, 2019).

Para Bourdieu (1999), essas pequenas mudanças que estão sendo analisadas apontam reflexos da revolução simbólica que está acontecendo nessa nova “onda” moderna, tanto do esporte quanto das mídias.

A revolução simbólica a que o movimento feminista convoca não pode se reduzir a uma simples conversão das consciências e das vontades. Pelo fato de o fundamento da violência simbólica reside não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica tem com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes (BOURDIEU, 1999, p. 55).

O feminismo³ luta contra essas formas de propagação indiretas da constante comparação entre os gêneros, pois em sua maioria acaba por inferiorizar a figura feminina.

A repórter (2019) cita que “para o futebol, quanto mais sonho em campo melhor, porque profissionalizar, estruturar e valorizar os campeonatos femininos são motivos para o torcedor sair querendo voltar”. De acordo com Bourdieu (1999), o habitus feminino e as condições sociais permitem concorrer a experiência feminina do corpo, deixando-as expostas à objetificação perante o olhar dos outros. E, por meio disso, a garra e a determinação das mulheres que praticam esse esporte tendem a ser maiores para não se deixarem levar pelas opiniões e críticas da sociedade.

O terceiro episódio apresenta dois times do Nordeste, o time Vitória das Tabocas, que fica na cidade de Vitória de Santo Antão, no interior de Pernambuco, e o time do São Francisco do Conde Sport Clube, que fica na cidade com o mesmo nome, na Bahia.

O Vitória possui uma história com diversos títulos nacionais e estaduais, além de competições internacionais, mas que passa por diversas dificuldades,

³ Segundo Alves e Pitanguy (2003), “o feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades ‘femininas’ ou ‘masculinas’ sejam atributos do ser humano em sua globalidade”.

principalmente financeiras e políticas. Pensando nisso, fizeram uma parceria com o time do Santa Cruz para jogar o Campeonato Brasileiro de 2019. Na matéria, eles citam as jogadoras e mostram o alojamento em que 20 meninas ficam; ali, elas citam as dificuldades de ficar longe da família. Após apresentar o time, a reportagem muda para o vestiário, com o técnico falando com as jogadoras.

O São Francisco também já foi considerado um dos maiores clubes do país, com títulos nacionais e estaduais. Mesmo enfrentando muitas dificuldades, o time possui um projeto de base que é considerado raro no futebol feminino do país. Esse projeto é exclusivo para meninas e, na matéria, é apresentado como uma porta de entrada para as meninas que sonham em jogar futebol e citam algumas jogadoras que saíram da base e agora estão no time principal.

Depois de apresentar os times e mostrar as dificuldades, a matéria volta para falar da partida do Brasileirão entre os dois clubes. Mostra lances de jogo, incluindo o gol feito por uma das jogadoras do Vitória citadas na matéria. Nessa reportagem, eles enfocaram as dificuldades e problemas que os clubes femininos brasileiros enfrentam diariamente para seguir com as portas abertas.

Não importa quantos anos ela tem, se são meninas começando ou jogadores disputando o brasileirão, você é mulher e quer jogar bola a dor vai te acompanhar “e alguns ficam falando lá só falta virar lésbica, não sei porque você ainda está se você não vai ter futuro, mas eu tipo deixo isso de lado porque o que eles falam eu ainda vou dar a volta por cima”, a falta de apoio vai te acompanhar (REPÓRTER E JOGADORA, 2019).

Essa é uma realidade que muitas meninas são obrigadas a passar. Segundo Bourdieu (1999, p. 84), isso acontece porque, “aos olhos dos homens, aquelas que, rompendo a relação tácita de disponibilidade, reapropriam-se de certa forma de sua imagem corporal e, no mesmo ato, de seus corpos, são vistas como ‘não femininas’ ou até como lésbicas”.

De acordo com Bourdieu (1999), quando as mulheres são submetidas a se comportarem como homens, elas acabam se expondo a, conseqüentemente, perderem os atributos que são considerados obrigatórios para a feminilidade e acabam colocando em questão o tão estimado direito natural de posição de poder

dos homens e isso afeta diretamente a consciência coletiva, considerada como a essencial.

Na matéria, a todo momento é ressaltado como a desvalorização do futebol feminino afeta o futuro desses times.

São retratos do futebol feminino pelo Brasil uma realidade de necessidade mas também de força, de orgulho. “O futebol feminino hoje está com série A, Série B vou abrir a boca de falar assim com sinceridade do coração, foi por causa da gente do Francisco. Então eu acho que a relevância da gente esse é o verdadeiro futebol feminino, que não tem muito patrocínio, que não tem muita ajuda, mas que luta” e que vai continuar lutando, porque os sonhos não vão parar de surgir em cidadezinhas como estas (REPÓRTER E TÉCNICO, 2019).

Essa realidade é retratada por Bourdieu (1999) como uma forma de transformação dos pensamentos existentes que elas têm sobre o que elas representam para si próprias, ignorando o fato de a sociedade rotulá-las.

O contrário, a prática intensiva de um determinado esporte, determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro ou, o que dá no mesmo, para o espelho, isto é, deixando de ser apenas uma coisa feita para ser olhada, ou que é preciso olhar visando a prepará-la para ser vista, ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si mesma, de corpo passivo e agido em corpo ativo e agente. (BOURDIEU, 1999)

A reportagem vem para ressaltar que a falta de divulgação e de apoio da sociedade e até da mídia afetam diretamente o desenvolvimento e crescimento dos clubes brasileiros.

6 CONCLUSÃO

Conclui-se, com este trabalho, que o espaço feminino no esporte está aumentando cada vez mais, mas ainda existe um longo percurso para que elas sejam realmente reconhecidas como profissionais que entendam do assunto e que tenham propriedade para falar sobre e praticar esportes em alto nível.

A série de reportagens dá muito destaque para as atletas, retratando as histórias delas, mostrando pontos positivos e negativos de como é a vida de uma jogadora profissional. Além das jogadoras, contam um pouco sobre os times e apresentam elementos que cercam o time, como a torcida, as redes sociais, entre outros pontos. Mas, apesar de toda forma de tentar fazer uma iniciativa positiva sobre

o futebol feminino, alguns clichês podem ser identificados durante todas as matérias, sendo que em algumas os estereótipos que são a objetificação do corpo feminino, entre outros, estão mais fortes e visíveis.

Apesar de iniciativas como essa estarem crescendo cada vez mais na mídia brasileira, ainda é necessário avançar para que seja valorizado o trabalho efetuado pelos times de futebol feminino no Brasil.

Há ainda muita luta para a queda de paradigmas e padrões já estabelecidos quando se trata de mulheres à frente praticando os esportes, e isso acaba por prejudicar a credibilidade e a vontade dessas profissionais.

Com este artigo, pretende-se destacar que, apesar de muito conhecida essa desvalorização da participação feminina nos esportes, principalmente no futebol, existem iniciativas positivas que demonstram, de forma clara, sem questões sexistas, a presença da mulher com destaque.

Esta pesquisa não esgota as possibilidades de análise e, portanto, ainda há um amplo campo a ser explorado sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGU, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=bGkvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=o+que+%C3%A9+o+feminismo&ots=eGaHHPdQOT&sig=eG17BV9xRtApnuJI3b9OkjhwOE#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20o%20feminismo&f=false>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BAHIA, Cláudia. Portal Intercom. **A Mulher Repórter na Editoria Esportiva da Imprensa Brasileira**. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ddd11c2e1865f7ed092d1be7f70c5d64.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

BARDIN, Lauren. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BOSCHILIA, Bruno; MEURER, Sidmar dos Santos. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **efdeportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 97, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no Jornalismo Esportivo: uma

“visão além do alcance”. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 4, p. 959-971, oct.-dic. 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115343227009.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2019.

CALEGARI, Gabrielle Hoff. **A sonorização como produtora de sentido no telejornalismo esportivo do Esporte Espetacular**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67257>>. Acesso em: 1º set. 2019.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Horizontes Antropológicos. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 191-225, 2017. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/1488>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CIDADE, Ruth Eugênia. A Mulher e o Esporte: O Processo Civilizador e o Envolvimento Feminino Os Esportes. In: **Anais do VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação**, Curitiba, 2004. Programa de Pós-Graduação em Educação-Centro de Educação Universidade Federal da Paraíba, 2004.

COSTA, Fábio. Esporte Espetacular: 45 anos da revista esportiva semanal da Globo. **Observatório da Televisão**, 09 dez. 2018. Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2018/12/esporte-espetacular-45-anos-da-revista-esportiva-semanal-da-globo>>. Acesso em: 1º set. 2019.

DANTAS, Monique De Andrade. **Mulheres No Jornalismo Esportivo**. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação da Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2019.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; CAMARGO, Vera Regina Toledo. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através a literatura. In: **Anais V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom**. Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, Mulheres e Esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 199-210, jan.-abr. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2896/1532>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Feministas, Mulheres E Esporte: Questões Metodológicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 165-191, set.-dez. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2914/1550>>. Acesso Em: 10 set. 2019.

MARINELLI, Isabella; MELERO, Maria Beatriz. Mulheres na Mídia: “Precisamos ocupar nossos espaços”. **Claudia**. mar. 2017. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/mulheres-na-midia-precisamos-ocupar-nossos-espacos/>>. Acesso em: 04 out. 2019.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-e-espetacular/evolucao.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo esportivo de saia**: a participação feminina no Jornalismo Esportivo. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Tecnologias e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4004/1/20942932.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. VII, n. 13, dic. 2000. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115318299002.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2019.

NEVES, Daniel. O que é feminismo?. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 31 out. 2019.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Mulheres no Esporte**: o tabu e a história por trás da pouca representatividade feminina. 12 mar. 2019. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/mulheres-no-esporte-o-tabu-e-a-historia-por-tras-da-pouca-representatividade-feminina/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/1133/884>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão Globo De Jornalismo Esportivo. **Revista Eletrônica Puc**, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewfile/9026/624>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CRUZ, Lucia Santa. Surgimento do jornalismo esportivo. **História da imprensa no**

Brasil. 17 fev. 2015. Disponível em:

<<https://historiaimprensabrasil.wordpress.com/2015/09/17/surgimento-do-jornalismo-esportivo/>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

PRATA, Liliane. A representatividade feminina na mídia ainda tem muito a avançar.

Claudia. 2017. Disponível em:

<<https://claudia.abril.com.br/noticias/mulheres-na-midia-representatividade-feminina-evento-inedito/>>. Acesso em: 25 set. 2019.

REDAÇÃO. Terceiro Tempo. **Esporte Espetacular.** 2018. Disponível em:

<<http://terceirotempo.bo.uol.com.br//que-fim-levou/esporte-espetacular-4961>>. Acesso em: 12 set. 2019.

SECAD EDUCAÇÃO CONTINUADA. **Participação de Mulheres no Esporte**

Cresce, mas Ainda é Inferior à dos Homens. out. 2018. Disponível em:

<<https://www.secad.com.br/blog/fisioterapia/mulheres-no-esporte-participacao/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.** Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Jornalismo da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

STYCER, Mauricio José. Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes). In: **Anais XXX Congresso Brasileiro de**

Ciências da Comunicação, Santos, 29 ago. - 2 set. 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

YOUTUBE. **Esporte Espetacular Raízes do Futebol Feminino:** Vitória das

Tabocas e São Francisco do Conde. 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KIUWhtDa_QU>. Acesso em: 10 mar. 2019.

YOUTUBE. **Esporte Espetacular Raízes Futebol Feminino Iranduba.** 2019.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QvBEbjSLLxQ>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

YOUTUBE. **Esporte Espetacular Raízes:** Futebol feminino Brasileiro. 2019.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UBWCqUwZIP0>>. Acesso em: 10 mar. 2019.